

Aspectos Éticos em Organização do Conhecimento: Uma Análise Discursiva dos Eventos da Isko Internacional

Thiago Henrique Bragato Barros
Isadora Victorino Evangelista

Como citar: BARROS, Thiago Henrique Bragato; EVANGELISTA, Isadora Victorino. Aspectos Éticos em Organização do Conhecimento: Uma Análise Discursiva dos Eventos da Isko Internacional. *In:* ALMEIDA, Carlos Cândido de; SAN SEGUNDO, Rosa; MARTÍNEZ-ÁVILA, Daniel (org.). **Estudos críticos em organização do conhecimento.** Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2024. p.165-192. DOI: <https://doi.org/10.36311/2024.978-65-5954-485-1.p165-192>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

6

**ASPECTOS ÉTICOS EM
ORGANIZAÇÃO DO
CONHECIMENTO: UMA ANÁLISE
DISCURSIVA DOS EVENTOS DA
ISKO INTERNACIONAL**

*ETHICAL ASPECTS IN KNOWLEDGE
ORGANIZATION: A DISCOURSE
ANALYSIS OF THE ISKO
INTERNATIONAL EVENTS*

*Thiago Henrique Bragato BARROS
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS*

*Isadora Victorino EVANGELISTA
Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR*

Resumo: As novas tecnologias, os efeitos da globalização, multiculturalismo e um acesso à informação cada vez mais imediatista demonstram que os dilemas éticos estão consideravelmente mais presentes no desenvolvimento dos processos de informação. Assim, considerando a International Society for Knowledge Organization (ISKO) como um espaço de institucionalização internacional no trabalho de temáticas voltadas para a Organização e Representação do Conhecimento, questiona-se às temáticas éticas constantemente discutida em seus anais. Como principal objetivo, pretende-se demonstrar um panorama sobre esses estudos, de forma a auxiliar teoricamente pesquisas sobre a temática e expressar qual é a principal visão dos pesquisadores sobre essa abordagem, considerando as ideias não apenas declaradas no texto, mas sob uma perspectiva que está além das construções por trás dessas investigações. Para tanto, iremos nos utilizar da análise do discurso como fundamento metodológico, metodologia esta que surge por meio dos estudos de Pêcheux e relacionada aos textos de Foucault. A fonte de informação da pesquisa foi os anais dos eventos internacionais da ISKO. Pode-se concluir, a partir dessa análise, que o discurso sobre esses termos no ambiente ISKO em torno de questões como a representação equivocada em linguagens consideradas universais, a exclusão de grupos marginalizados na sociedade e a mudança de paradigmas do acesso à informação a partir do desenvolvimento tecnológico.

Palavras-chave: ética; organização do conhecimento; ISKO; análise do discurso.

Abstract: New technologies, the effects of globalization, multiculturalism and an increasingly immediate access to information demonstrate that ethical dilemmas are considerably more present in the development of information processes. Considering the International Society for Knowledge Organization (ISKO) as an institutionalized international space in the work of themes focused on Knowledge Organization and Representation, it is questioned concerning the ethical themes regularly discussed in its annals. As a primary objective, it was intended to demonstrate an overview of these studies, to theoretically assist research in this sense and express what is the main view of the researchers on this theme, considering the ideas not only stated in the text but from a further perspective, of the buildings behind these investigations. For that, we used discourse analysis as a methodological foundation, a methodology that arises through the studies of Pechêux and related to Foucault's texts. The research information source was the annals of ISKO's international events, in which terms that characterized this universe were applied as a search strategy, such as culture, ethic*, gender, privacy, prejudice, and bias. These terms were searched in the areas with the most informational content in the articles, that is, title and abstract. After recovery, the corpus was applied to the qualitative analysis software Sketch Engine and systematically analyzed from the discourse analysis approach. It can be concluded from this analysis that the discourse on these terms in the ISKO environment around issues such as misrepresentation in languages considered universal, the exclusion of marginalized groups in society, and the change of paradigms of information access from the technological development.

Keywords: ethics; knowledge organization; ISKO; discourse analysis.

1 INTRODUÇÃO

Considerando a relevância dos estudos éticos em Organização do Conhecimento, diante de um mundo cada vez mais globalizado e múltiplo, o presente estudo pretende analisar como a *International Society for Knowledge Organization*, enquanto uma importante representante dos estudos em Organização do Conhecimento, vem discutindo sobre essa temática. Por meio da análise, pretende-se demonstrar como esses estudos vêm sendo desenvolvidos, de modo a produzir um arcabouço teórico sobre as abordagens dos principais pesquisadores desse tema e a revelar quais são seus pontos de vista e ideias não expressas de maneira explícita em seus textos.

A análise do discurso desenvolve-se sob um olhar teórico-metodológico que estabelece uma teoria crítica sobre o *corpus* analisado e, neste sentido, trata-se de uma teoria tradicionalmente atrelada à *análise crítica*.

2 ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO E ESTUDOS CULTURAIS

O campo da Organização do Conhecimento pode ser compreendido como uma área de estudos, que engloba a pesquisa, a prática e a teoria de um subdomínio da Ciência da Informação. De acordo com Hjørland (2016), esse campo diz respeito à “[...] descrição, representação, registro, organização de documentos, assuntos e conceitos”, por isso são necessárias algumas ferramentas como sistemas de classificação, listas de cabeçalhos de assunto e tesouros.

A construção e análise de desempenho dessas ferramentas podem ser consideradas como os elementos centrais do campo de estudo da Organização do Conhecimento (OC). Nesse sentido, a área deve ser compreendida sob dois pontos principais: por um lado, realizar uma representação do conhecimento adequada e atual e; por outro lado, manter um certo nível de estabilidade, de forma a evitar uma eventual reclassificação dos materiais (Hjørland, 2016).

Algumas abordagens foram teoricamente desenvolvidas nesse âmbito, destacadas por Hjørland (2016) como *practicalista* – nesse viés, um certo nível de padronização é buscado, como o uso do mesmo sistema de classificação por diferentes unidades informacionais, visando à praticidade e à centralização de processos, assim temos as classificações consideradas universais como CDD e CDU; outra abordagem destacada pelo autor é a baseada no *consenso*, caracterizada pelos trabalhos de Henry Bliss, que declara que as classes devem ser definidas a partir do assenso científico dos teóricos da área, consultando seus trabalhos e buscando um padrão de concordância, como destacado no parágrafo anterior; uma terceira abordagem é a *facetada*, constituída principalmente pelos trabalhos de Ranganathan e Grupo de Pesquisas em Classificação Britânico, que acreditam que o conhecimento deve ser dividido a partir de uma perspectiva de divisão lógica, em que blocos são construídos de acordo com características do documento.

Essas representações de mundo são criadas com o propósito prático de sistematização de documentos em bibliotecas, tendo por base o conhecimento que já foi anteriormente sistematizado pela ciência. Dessa forma, esse universo é tanto sistemático quanto conceitual, uma vez que as classes são relacionadas a um termo e esses, por sua vez, representam um conceito, de maneira inseparável. Essas sistematizações são influenciadas pelas classificações filosóficas, que refletem sobre a evolução, progresso e fé no desenvolvimento científico, no entanto se diferenciam na abstração de conceitos, buscando uma aplicação prática (Arboit, 2018).

Nesse âmbito, ainda podemos considerar outros tipos de abordagens, como a baseada em *usuários*, em que os sistemas são desenvolvidos a partir da perspectiva de quem os utiliza, a partir das informações produzidas por esse grupo ou por meio de estudos de usuários; há ainda a abordagem da *análise de domínio* ou *epistemológica*, em que o documento deve ser representando a partir de diferentes perspectivas sobre esse mesmo objeto, com base no que o grupo determina como informativo. Algumas abordagens de fora do campo também podem se relacionar com a Organização do

Conhecimento, como os *estudos bibliométricos, recuperação informacional, ontologias e estudos de gênero* (Hjørland, 2016).

Fundamentos da Organização do Conhecimento podem ser encontrados em diversos espaços e instituições, devendo ser abordado de maneira interdisciplinar. Em bibliotecas, podem ser identificados principalmente nos sistemas de classificação e linguagens documentárias, utilizados na organização dos livros nas estantes e na recuperação de documentos nos catálogos. Em arquivos, diferentemente de bibliotecas, os documentos são únicos, estabelecendo-se como o mais relevante princípio da proveniência, ou seja, na organização em arquivos, a origem dos documentos é um dos elementos mais importantes na cadeia de custódia.

Já os museus possuem uma tipologia de documentação semelhante aos arquivos – trabalham com documentos únicos e, dessa forma, possuem elementos específicos para a organização de elementos iconográficos. A Organização do Conhecimento também pode ser encontrada em bases de dados, por meio das linguagens controladas, utilizadas na indexação dos registros, nos relacionamentos entre os pontos de acesso e o cuidado em uma representação adequada, em construção de linguagens documentárias em domínios específicos e na utilização de análises bibliométricas nos resultados. No âmbito da Internet, a engenharia de busca faz-se necessária, com a utilização do aporte teórico da Organização do Conhecimento, para a construção de uma arquitetura da informação (Hjørland, 2016).

Todo esse domínio tem origem, de forma consensual entre Hjørland e Dahlberg - teóricos seminais na área - em um livro de Henry Bliss (1929) denominado *The Organization of Knowledge and the System of Sciences*, em que o autor reforça a importância das bases filosóficas na construção de classificações bibliográficas e estabelece o termo “*organization of knowledge*” como representativo da área (Arboit, 2018).

Na década de 70, após um período voltado para os estudos classificatórios, Dahlberg e Soergel buscam esforços para melhor compreender o que envolve esse campo, rejeitando a abordagem matemática que até então

era utilizada pela Sociedade para Classificação. À vista disso, em 1989, o termo organização do conhecimento é então selecionado pelos autores como representativo do âmbito, uma vez que “organização” é compreendida na língua alemã como algo além de apenas ordem, mas também enquanto um planejamento estruturado (Arboit, 2018).

É nesse contexto que há o surgimento da *International Society for Knowledge Organization* (ISKO), como o principal espaço de discussão de teorias, de ferramentas e de processos desenvolvidos para organização e representação do conhecimento, além de evidenciar a sua interdisciplinaridade com outras áreas de interesse. Atualmente, a sociedade possui cerca de 600 membros ao redor do mundo, em campos como ciência da informação, filosofia, linguística, ciência da computação, dentre outros. Para tanto, a instituição promove conferências internacionais a cada dois anos, conferências regionais em cerca de quinze países, publicação de um dos mais importantes periódicos na área – *Knowledge Organization* e a série proveniente dos anais de seus congressos internacionais, *Advances in Knowledge Organization* (ISKO, 2008).

Dessa forma, é possível conceber a ISKO como um dos espaços mais importantes para o compartilhamento de informações, promover pesquisas, experiências, desenvolvimento de sistemas, de maneira a prover o avanço filosófico, cognitivo e semântico para ordenar o conhecimento. Além disso, a instituição é responsável por promover um espaço profícuo para o desenvolvimento de um *networking* entre seus membros e um arranjo entre diferentes instituições e universidades preocupadas com a evolução da Organização do Conhecimento como um campo de estudos (ISKO, 2008).

Atualmente, vivemos em uma fase denominada por Pando e Almeida (2016), como o período *pós-moderno na organização do conhecimento*. Para os autores, esse novo período demonstra-se mais inclusivo em questões relativas a problemas socioculturais, como discussões sobre gênero, etnicidades, direitos civis, igualdade, dentre outros aspectos. Os problemas sus-

citados por esse novo período, causam impacto na forma como o conhecimento é produzido e sugerindo novos problemas a serem investigados, inclusive no âmbito da Organização do Conhecimento.

Nesse contexto, muda-se de uma perspectiva dicotômica até então aceita, caracterizada pela busca por uma neutralidade e objetividade, em que aspectos considerados predominantes são os únicos aceitos, para uma nova perspectiva, em que a visão positivista é criticada e há uma maior reflexão ideológica, cultural e política (Pando; Almeida, 2016).

Em uma visão pós-estruturalista, Martínez-Ávila e Beak (2016) declaram que a Organização do Conhecimento possui algumas instâncias e princípios aceitos como absolutos na área, e questionamentos ou críticas a essa visão de mundo podem ser compreendidas como falta de conhecimento das normas ou uma potencial ameaça ao campo. Dessa forma, o pós-estruturalismo constitui-se como uma rejeição às verdades consideradas universais e à exposição de realidades a partir de discursos construídos pela comunidade.

Essa compreensão pós-estruturalista é uma forma de analisar o conhecimento por meio de uma interpretação mais próxima da subjetividade, em que realidades múltiplas são consideradas, realidades estas construídas a partir da perspectiva dos indivíduos e de seus discursos, descobrindo pressupostos subjacentes a essas realidades. Ela se opõe à visão objetiva até então aceita na Organização do Conhecimento, em que a área é visualizada como algo concreto e imutável, baseada em experiências empiristas e em busca da construção de uma ciência positivista (Martínez-Ávila; Beak, 2016).

Nesse sentido, algumas pesquisas socioculturais foram realizadas, de maneira a refletir sobre o desenvolvimento das práticas na área. Wang (2019) alerta sobre a importância de estudos nesse âmbito, especialmente considerando o mundo globalizado, em que vivemos na atual sociedade, em que não apenas há uma alteração de interações econômicas, mas também o surgimento de novos conflitos culturais. A diversidade cultural é

refletida nas pesquisas desenvolvidas nesse domínio, em que estudos são realizados a partir de perspectivas de gênero, de orientação sexual, de religião, de idioma, de etnia, dentre outros, buscando romper uma tradição de investigações em Organização do Conhecimento a partir de um viés objetivo, que preza por um certo nível de neutralidade, muitas vezes, impossível de ser alcançado.

De acordo com o estudo realizado por Wang (2019), que buscou identificar os autores principais nas pesquisas no âmbito da ética em Organização do Conhecimento, foi possível perceber que os trabalhos nessa perspectiva podem ser divididos em temáticas relacionadas à padronização de sistemas bibliográficos considerados universais, como *Dewey Decimal Classification* ou *Library of Congress Subject Headings*, que possuem uma visão masculina e branca como *mainstream*; perspectivas de gênero na representação do conhecimento, como a visão feminina ou homoafetiva nas linguagens de representação; análises a partir de uma teoria crítica racial, étnica, e indígena na Organização do Conhecimento, dentre outros aspectos.

Esses estudos influenciaram inclusive a forma como a Organização do Conhecimento é ministrada nas universidades em cursos de Ciência da Informação. Mai (2019) questiona quais são as habilidades necessárias a esses profissionais diante da explosão informacional vivida na atualidade. Para o autor, algumas recomendações devem ser levadas em conta ao preparar os futuros profissionais da área: deve-se abandonar o pensamento da neutralidade como único viável.

Além disso, Mai (2019) afirma que os estudantes devem ser ensinados a serem céticos, de maneira a questionar os sistemas e saber que há várias respostas a uma mesma pergunta, podendo, assim, elaborar sistemas e serviços que considerem a multiplicidade dessa realidade. Ademais, os docentes devem ler de maneira detalhada os sistemas e técnicas utilizadas na área, demonstrando a maneira que essas ferramentas moldam a forma com que a informação é passada aos usuários e interferindo na posterior intera-

ção destes. Por último, o autor sugere que os alunos devem compreender de forma pormenorizada as classificações, para que possam conceber, desde o nível mais básico, como as categorias são parte da cultura, da cognição e da linguagem e como elas influenciam a recuperação da informação, através de qualquer meio (Mai, 2019).

Uma forma de analisar os estudos culturais no âmbito da Organização do Conhecimento é utilizando-se da análise do discurso, que será mais bem descrita na próxima seção.

3 ANÁLISE DO DISCURSO

Baseada nos trabalhos de Michel Foucault e sistematizada por Pêcheux e seu grupo, a Análise do Discurso possui seu quadro epistemológico delimitado a partir da articulação de três áreas: o materialismo histórico, a partir da construção ideológica e das formações sociais; a linguística, em que a sintática e os enunciados são compreendidos; e a teoria do discurso, em que se determina a historicidade dos processos semânticos (Pêcheux; Fuchs, 1997).

Para tanto, é necessário que em um primeiro momento haja uma *interpelação* – ou assujeitamento – do sujeito, de forma a identificar suas instâncias ideológicas e reprodução dessas relações, que conduz o indivíduo sem que esse se dê conta, acreditando estar exercendo sua própria vontade, a ocupar seu lugar em determinada classe, categoria ou camada social, não apenas considerando os aspectos econômicos, como também os não-econômicos. Essa reprodução contínua das relações de classes é designada por Althusser como “aparelho ideológico do Estado” (Pêcheux; Fuchs, 1997).

Conseqüentemente, ocorre o afrontamento entre essas classes, por meio de lutas entre classes antagônicas, que decorrem no interior desses aparelhos, a partir de diferentes posições políticas e ideológicas, determinando alianças e relações de dominação. Esse afrontamento pode ser denominado como *formação ideológica* e que pode ser mais bem definido pelos

autores como “[...] suscetível de intervir como uma força em confronto com outras forças na conjuntura ideológica característica de uma formação social em dado momento” (Pêcheux; Fuchs, 1997, p. 166). Essa formação é responsável por determinar o que pode e deve ser dito em dada classe social, formalizado por registros, como panfletos, exposições ou programas e é identificada por meio de uma condição de produção, designada a partir das instâncias expostas anteriormente.

Na Ciência da Informação (CI), os estudos fundamentados em Análise do Discurso tiveram seu início a partir de pesquisas realizadas por Frohmann (1992), que buscou analisar o poder das imagens, analisando o discurso a partir de imagens sob um ponto de vista cognitivo. Para o autor, a justificativa para utilização dessa metodologia na análise de Ciência da Informação é o fato de que a teoria em si é uma prática social, como um processo de trabalho intelectual, configurado por forças sociais, econômicas, políticas e culturais.

O autor ainda sugere que a partir do momento em que a CI é compreendida como um fenômeno discursivo, é necessário que se compreenda as formações históricas que levaram à construção de suas teorias, trazendo à tona os aspectos políticos que envolvem a concepção e a interpretação desses conceitos. Aspectos como informação, necessidade informacional e organização do conhecimento não são simplesmente concebidos de maneira neutra ou universal, mas são construídos a partir de interpretações pessoais e de grupos sociais dominantes (Frohmann, 1992).

Ainda que a CI esteja intrinsecamente relacionada a conflitos econômicos e políticos institucionais, há uma carência de reflexão sobre esses aspectos na literatura da área e sobre como a invisibilidade de certas perspectivas da área pode ser uma consequência de uma estratégia discursiva de poderes dominantes. Isso é constituído a partir de uma autoridade por meio da retórica, que se utiliza de um discurso cercado de confiança e autoridade para que os textos sejam assimilados enquanto eventos e objetos naturais (Frohmann, 1992).

De acordo com o autor, a área se utiliza de mecanismos como o imperialismo da teoria, colonização de territórios e a apropriação de discursos por meio de traduções e repetição de termos, para estabelecer uma área estável, objetiva e reconhecida, unificando todo o conhecimento da área como um processo contínuo de informação, que é dado por meio de uma construção mental determinista e que pode ser medido a partir de deslocamentos de discursos (Frohmann, 1992).

Posteriormente, Frohmann (1994) busca expressar como a Análise do Discurso pode ter seu espaço como uma metodologia a ser utilizada na CI, uma vez que o objeto analisado não é ao que o discurso se refere, mas o discurso em si, enquanto atos realizados por aqueles institucionalmente privilegiados. Esses atos determinam a forma com que se expressam sobre informação, seu uso e a forma com que é organizada, além de definir quem utiliza e a quem não é permitido o uso dessa informação. Essa definição determina quais serão os aspectos sociais e culturais das organizações responsáveis pela custódia dessas informações.

Para o autor, a literatura da área demonstra um conjunto de práticas discursivas inerentes, fundamentadas por instituições que atuam de forma central, construindo redes que permitem configurar os discursos de maneira a solucionar os problemas do campo. Essas construções não são neutras e respeitam as estruturas institucionais, de forma que o discurso compartilhado por essas instituições ganha significado quando compartilhado por essas instituições (Frohman, 1994).

No âmbito da Organização do Conhecimento, alguns estudos em Análise do Discurso merecem destaque, como Campbell (2007) que buscou investigar como a web semântica transformou processos de organização e representação da informação, tomando por base a análise foucaultiana do surgimento de clínicas médicas; Campbell (2011) que, de maneira mais específica, analisa a relações dos códigos de catalogação RDA e RDF, por meio de uma análise comparativa do discurso; Barros (2012), que realizou uma análise do discurso dos manuais de arquivologia, de maneira

a melhor compreender esse campo e Barros e Moraes (2012), que buscou demonstrar as relações entre os conceitos de classificação na arquivologia e de organização do conhecimento, de maneira a contribuir conceitualmente e sistematizar a classificação no âmbito da arquivologia.

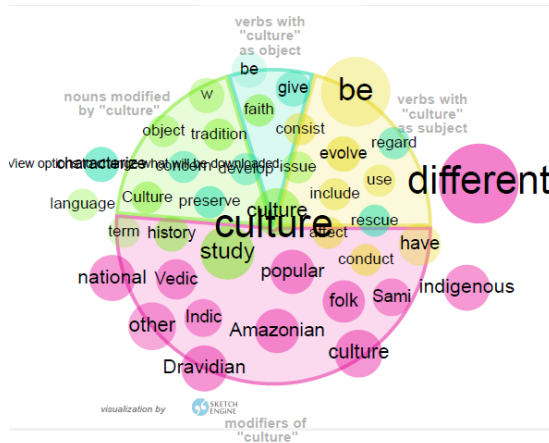
De maneira semelhante, a presente pesquisa busca contribuir para as investigações em análise do discurso e Organização do Conhecimento, mais especificamente no âmbito dos aspectos culturais e sociais nesse campo. Para tanto, utilizou-se da metodologia descrita na próxima seção.

4 METODOLOGIA

Como método, iremos aplicar a análise do discurso, que surge por meio dos estudos de Pêcheux com base nos textos de Foucault. Essa metodologia busca evidenciar rupturas ideológicas e relações entre dominados e dominantes. Para realizar a análise, foi realizada uma busca nos anais dos eventos internacionais da ISKO, por meio de termos como *ethic**, *gender*, *privacy*, *culture*, *prejudice* e *bias* presentes nos títulos e resumos dos artigos.

Foram então recuperados 72 artigos, que por sua vez, foram incluídos no *software* de análise qualitativa *Sketch Engine*. Essa ferramenta permite analisar como a linguagem é aplicada, a partir da análise dos termos presentes no texto e as formas que eles foram encontrados – como substantivos, os verbos que os acompanham, como objeto ou como assunto, dentre outros aspectos. Na nuvem a seguir, é possível verificar como a representação de um dos termos de busca se apresenta:

Figure 1 – Culture cloud



Fonte: Elaborado pelos autores

A partir da visualização de como os termos se apresentavam nos artigos, em conjunto com a análise do *corpus*, foi possível chegar a elementos caracterizadores de como o discurso dos elementos éticos e sociais se construíram em um ambiente institucionalizado e de destaque em uma área como a ISKO.

5 RESULTADOS

O primeiro termo analisado foi o conceito de cultura. De maneira geral, a palavra aparecia em artigos que trabalhavam com a análise de ferramentas e instrumentos de Organização do Conhecimento, tendo sua primeira ocorrência logo no primeiro evento da ISKO Internacional, em artigo de autoria de Raju (1990), que tratava sobre como elementos da cultura indiana eram mal representados na Classificação Decimal Universal (CDU) e na *Cólon Classification*. É possível perceber logo a partir desse primeiro caso, que o conceito está diretamente ligado à representação de culturas marginalizadas em linguagens de representação consideradas

universais, no entanto foram criadas em um ambiente ocidental, tendo o homem, branco e cristão como regra.

O principal modificador da palavra “cultura” nos textos é o termo “diferente”, ou seja, há uma preocupação por parte dos autores sobre como a representação das concepções acerca daquilo que se define como diferente é atribuída nas linguagens utilizadas. Nesse sentido, pode-se inferir que o que é considerado fora da normalidade, é representado de modo inadequado nas linguagens. Outro modificador realçado na nuvem é o conceito de “outro”, ou seja, aquele que está além do limite do que é considerado normal e aceitável na sociedade, revelando uma perspectiva de que o que é além, não é necessário ser representado.

Essa lógica é reforçada quando outros modificadores de destaque são relativos à comunidades específicas, como conhecimento indígena compartilhado pelos moradores de municípios próximos à Floresta Amazônica e sua representação; a utilização de ferramentas criadas para contextos ocidentais, mas aplicadas a contextos orientais, não respeitando as diversidades culturais (Raghavan; Neelameghan, 2012), ou ainda, a proposta de um sistema que represente termos da cultura folk polonesa, como sugestão para construção de sistemas de representação do conhecimento (Babik, 2014).

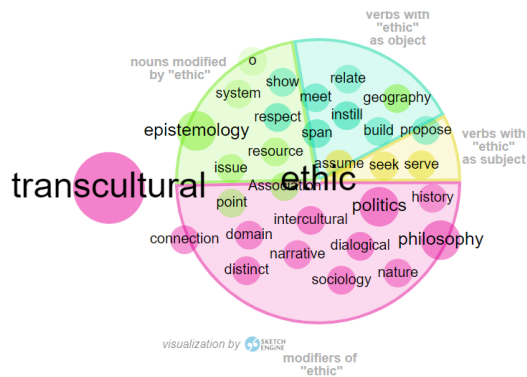
Um substantivo relacionado ao conceito de “cultura” que merece ênfase é o conceito de “fé”, ou seja, a forma como as culturas são representadas no sistema, garante que os usuários inseridos nessa cultura podem ter “fé” na qualidade e consistência do sistema de representação do conhecimento, e por consequência, na unidade informacional que utiliza o sistema. O conceito de preservação e resgate também são identificados como relacionados ao termo cultura, compreendendo-se que é de responsabilidade das unidades informacionais a preservação cultural, por meio de acervos que compreendam a diversidade e multipluralidade dos usuários, de forma a resgatar comunidades até então marginalizadas e excluídas do sistema.

Em uma análise do discurso desses elementos, é possível perceber a partir das críticas dos autores que as linguagens de representação do conhecimento, compreendidas como universais, na verdade reafirmam uma visão tendenciosa intrinsecamente presente na sociedade, que adota como correto apenas aquilo que está dentro de uma normalidade construída a partir de valores e visões de mundo sob uma perspectiva branca, masculina e cristã.

Nessa perspectiva, aqueles que fogem a essa normalidade são excluídos do sistema, sendo desamparados pela própria unidade informacional, o que anula o principal objetivo da biblioteca que é permitir o acesso à informação de maneira igualitária, compreendendo toda a diversidade de usuários. Além disso, uma vez que o material sobre essas culturas marginalizadas não é representado, os documentos que tratam sobre esses aspectos não são preservados, ou seja, como se excluindo essas comunidades, elas de fato não existissem.

No que diz respeito ao radical “*ethic**”, a nuvem de relacionamentos ficou da seguinte forma:

Figure 2 – Ethic* cloud



Fonte: Elaborado pelos autores

Observa-se que a maior incidência de modificador do termo pesquisado é “transcultural”, em especial por conta de um artigo de García-Gutiérrez (2002), que propôs a utilização de uma ética transcultural para representação do conhecimento. Diretamente relacionado ao termo de análise anterior – cultura -, o autor afirma que é necessária uma cultura de fronteira, em que sistemas rígidos são rejeitados, abordando-se e aceitando a perspectiva da permanente mutação dos indivíduos e das sociedades.

Na ética transcultural, as diversas culturas que podem ser compreendidas na unidade informacional são aceitas pelo esquema de representação, que se configura de maneira aberta e horizontal, em contraposição aos sistemas tradicionais, visualizados de maneira hierárquica, uma classe que pertence a todas às anteriores em que está incluída. A partir da perspectiva da análise do discurso, vê-se que, se há a necessidade dos estudos sobre a inclusão de culturas, então a exclusão é a regra atual. Uma vez que se adotam sistemas hierárquicos, as classes ficam sempre relacionadas à classe anterior, mesmo quando o grupo não se sente representado pela classe maior. Nesse sentido, diversos preconceitos são evidenciados e sustentados pelas linguagens de representação, marginalizando comunidades que muitas vezes já são excluídas na sociedade em que estão inseridas.

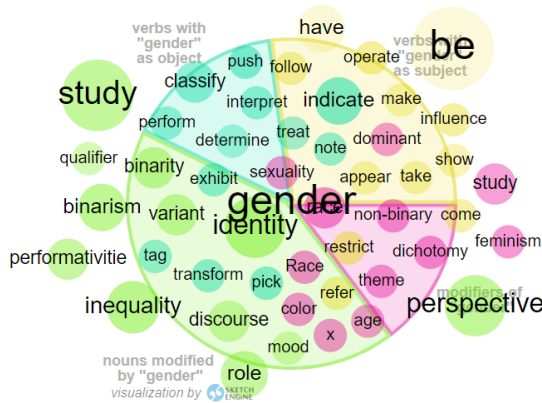
Outros termos que modificam são voltados a áreas do conhecimento, como Filosofia, História e Sociologia. Essas ocorrências se justificam considerando o universo científico em que o estudo da Ética está inserido – enquanto área de estudo da Filosofia, que busca o bem-estar e o bom convívio em sociedade, que se altera conforme diferentes períodos históricos e alterações de costume. A preocupação em remeter às áreas da ciência em que o domínio da Ética se encontra, demonstra as bases teóricas que os autores se fundamentam para o estudo científico em um contexto específico, como a representação do conhecimento – o que também remete à alta ocorrência do termo em associação ao termo Epistemologia. Também demonstra profunda relação com a própria análise de discurso, que também se encontra inserida nesses três universos científicos – uma análise a partir da historicidade, da semântica e de ideologias em torno de discursos,

inseridos institucionalmente a partir de linguagens aceitas e utilizadas pelas unidades informacionais, como representantes de um todo e que potencialmente, podem ser utilizadas como instrumentos de exclusão.

É importante destacar que na grande maioria dos artigos que apreciam termos com radical *ethic**, geralmente o relacionavam às ações e às práticas no universo da Organização do Conhecimento, como agir eticamente, implicações éticas dos sistemas, o potencial dos questionamentos éticos, dentre outros sentidos nesse mesmo universo. À vista disso, pode-se inferir que quando os autores se referem ao agir eticamente, estão considerando a raiz dos estudos éticos, ou seja, o bom convívio em sociedade e quais ações ou valores implicam nessa prática, como a correta representação da diversidade cultural, a abordagem da pluralidade dos usuários nas linguagens e sistemas documentários e o acesso à informação de forma igualitária, em especial diante dos novos cenários tecnológicos.

A nuvem de relacionamentos do termo “gender” apresenta-se de maneira mais dispersa, conforme pode ser visualizado a seguir:

Figura 3 – Gender cloud



Fonte: Elaborado pelos autores

O verbo de maior destaque em relação ao termo *gender* é o próprio verbo “*be*”, ou seja, os estudos nesse sentido dizem respeito à questão do

direito de ser ou de pertencer a algo, de existir de acordo com a realidade em que se sente correspondido. Outra crítica encontrada nas pesquisas e que pode ser visualizada na nuvem é a questão das perspectivas dicotômicas e oposições binárias.

Nas linguagens de representação, essas concepções são adotadas: ou você pertence a uma classe, ou você pertence à outra classe, geralmente em relação de oposição. No entanto, a legitimação desse discurso é prejudicial para aqueles que se encontram no meio entre essas duas noções, que não se sentem representados por nenhum dos dois extremos. Além disso, a própria visão de oposição é negativa, uma vez que coloca os termos de maneira antagônica, reforçando a desigualdade entre os conceitos. Nesse sentido, aqueles que fogem às regras legitimadas pelas linguagens, mais uma vez é excluído, considerado como anormal, errado ou não pertencente ao grupo.

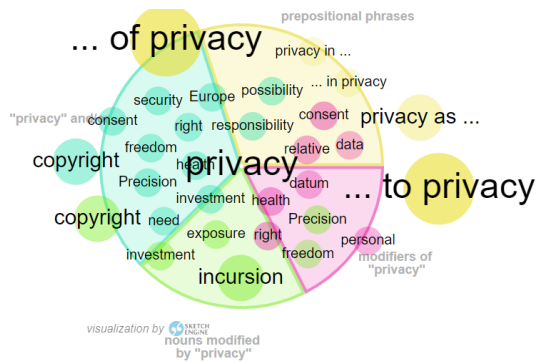
Os estudos feministas também encontram-se diretamente relacionados aos estudos de gênero. Nessa lógica, destaca-se o estudo de Romero-Millán e Naumis-Peña (2016), que investigaram as terminologias e a representação de conteúdo em documentos relativos à participação feminina no mercado de trabalho, contidas no acervo de diferentes bibliotecas. Para as autoras, a terminologia utilizada reflete diretamente a forma como essa comunidade é vista, ou seja, qual é a posição da mulher em cenários como gênero, educação e atividades diárias. Pelos resultados, as autoras identificaram que a concepção da mulher na sociedade é cultural e sua contribuição para o desenvolvimento econômico muitas vezes ignorada.

Esse tipo de discurso apropriado pelas bibliotecas, reforça o homem como dominante na sociedade, como provedor, colocando a mulher em posição inferior e subordinada a ele. Quando há uma mulher bem-sucedida no mercado de trabalho e é compreendida como exceção na linguagem, ela também infere que essa não é uma posição a ser adotada por ela como norma, como frequente, ignorando a sua posição de destaque no avanço profissional e econômico das sociedades.

Outro estudo nessa perspectiva é a relação de gênero com os movimentos sociais e políticos ocorridos nos últimos anos. (Moura, 2018). Assim, as pesquisas em relação ao gênero podem ser inferidas como lutas contra entidades de poder e dominantes que atuam no contexto atual e como as linguagens documentárias podem ser utilizadas para perpetuar essas relações de dominação e subordinados.

O termo privacidade aparece de maneira mais discreta no *corpus*, conforme a imagem a seguir:

Figure 4 – Privacy cloud



Fonte: Elaborado pelos autores

O que merece destaque nessa figura é a questão da presença do termo em *prepositional phrases*, em especial *to privacy or of privacy*, o que não havia ocorrido com os termos anteriores. Nos documentos analisados, essas preposições aparecem referentes às questões éticas relativas *to privacy* – particularmente na proteção dos dados na internet, o anonimato na busca e na proteção das informações (Rockenback; Silva, 2018) e o *right to privacy* em um mundo cada vez mais globalizado e sem barreiras para acesso a dados pessoais (Bezerra; Sanches, 2018).

Os artigos também trabalham *the nature of privacy*, ou seja, seus fundamentos legais em relação aos aspectos da propriedade intelectual, isto é, sua perspectiva legal (Hajibayova; Salaba, 2018). Percebe-se que quando

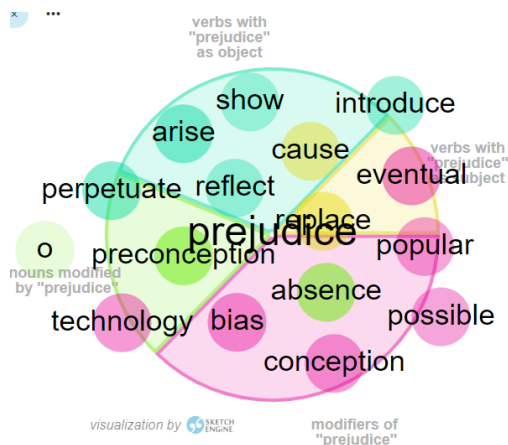
se trata da privacidade, os estudos giram em torno das novas abordagens necessárias diante dos desenvolvimentos tecnológicos, em que as informações pessoais estão cada vez mais facilmente disponibilizadas, provocando o questionamento de até onde as facilidades proporcionadas por esse avanço tecnológico são eticamente éticas.

Por meio da análise do discurso, é possível perceber da mesma forma que esses avanços tecnológicos implicaram em novas formas de acesso informacional que anteriormente não eram possíveis, esse acesso também atingiu as informações pessoais, o que leva a novas habilidades do uso dessas tecnologias, reiterando maiores investigações sobre a concepção de privacidade nos dias atuais.

O que também merece destaque nos termos relacionados à privacidade é o conceito de *copyright*. Também notadamente diante do progresso tecnológico, os direitos dos autores e da propriedade intelectual estão cada vez mais *blurred*, ainda mais considerando o contexto de ciência aberta e acesso informacional a todos. Nesse sentido, podemos inferir que os paradigmas nesse sentido foram alterados, levando a área a questionar sobre quais são os possíveis problemas éticos enfrentados pela segurança dos autores e o acesso à informacional igualitário. Um caso recente de como essas questões estão em evidência – e de como implicam decisões éticas, é o embargo da editora Macmillan a novos títulos de e-books em bibliotecas públicas (Ala, 2019).

O conceito de *prejudice* também é abordado de maneira discreta nos artigos, segundo a imagem:

Figure 5 – Prejudice cloud

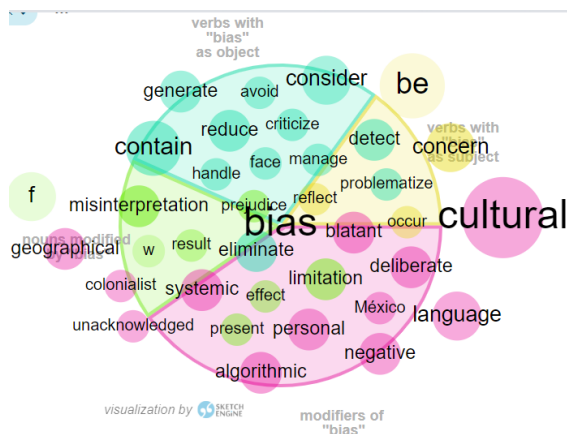


Fonte: Elaborado pelos autores

É dada a ênfase à conexão do termo com os conceitos de *bias* e *preconception*, o primeiro em relação às tendenciosidades que podem ser encontradas nas linguagens de representação; e o segundo, as ideias pré-concebidas sobre determinado assunto, representando aquele grupo de maneira pejorativa. Nos documentos analisados, essas ideias são trabalhadas em consonância como termo de justiça no tratamento às pessoas, de acordo com Furner (2018), ou com os preconceitos que podem ser difundidos nas redes sociais (Origgi; Simon, 2010), o que justifica a destacada presença do termo *technology*. Diante desse contexto, é possível perceber que mais uma vez, a ideia do discurso dessas ideias visa à compreensão da presença do outro nesses espaços, como essas tendenciosidades e preconceitos podem afetar o espaço de fala dessas comunidades, como esses fatores podem ser prejudiciais não apenas nas relações pessoais desses indivíduos, como também no ambiente virtual em que estão inseridos, em mais uma mudança de paradigma justificada pelo desenvolvimento de novas tecnologias.

O último termo analisado e que possui forte relação com o termo *prejudice*, é o próprio conceito de *bias*, conforme pode ser visualizado na imagem a seguir:

Figura 6 – Bias cloud



Fonte: Elaborado pelos autores

Percebe-se que o termo *bias* possui forte relação com o primeiro termo analisado, relativo às temáticas culturais. Essas relações podem ser identificadas em investigações sobre os conceitos de garantia e hospitalidade cultural em linguagens de representação inseridas em contextos multiculturais (Guedes; Moura, 2018) e como as classificações podem levar a uma visão culturalmente enviesada do conhecimento (Zamboni; Francelin, 2016), mesmo aquelas consideradas universais, podem ser consideradas prejudiciais em contextos específicos (Olson, 1996). Analisando a partir de uma perspectiva discursiva, pode-se deduzir que a elaboração de ferramentas de representação do conhecimento pode agir como instrumentos de popularização de preconceitos, quando construídas a partir de visões de mundo enviesadas e considerando uma única cultura – geralmente ocidental. Considerar a multiculturalidade na produção desses instrumentos, pode implicar diretamente a ampliação do acesso dessas comunidades, além de promover nas unidades informacionais que essas ferramentas estão inseridas em um espaço de diálogo e de aceitação.

A construção desse termo tem forte ocorrência no ambiente da ISKO a partir de trabalhos de Milani e Guimarães (2010) e Milani, Guimarães

e Olson (2014). Os autores buscaram conceituar o termo no âmbito da Organização do Conhecimento e identificar como ele de fato pode causar algum dano na representação - quando utilizado para promover preconceitos e discriminações – e também a partir da visão positiva desse termo, quando empregados para representação de comunidades específicas. Analisando o discurso dessas investigações, é possível identificar a partir das duas conotações a importância da representação de grupos considerados minorias, uma vez que as tendenciosidades podem ser utilizadas para excluir esses grupos ou ainda, para dar voz. Diante desse contexto, mais uma vez é reafirmada a visão preconceituosa que linguagens de representação podem possuir.

6 CONCLUSÕES

O presente capítulo buscou fazer uma análise da presença de conceitos do universo ético e social em Organização do Conhecimento, os quais foram construídos em um importante ambiente científico como a ISKO, a partir de uma análise do discurso. Foram explorados 72 artigos, utilizando como ferramenta de suporte para análise o *software SketchEngine*, em especial seu recurso *WordSketch*, que verifica a presença das palavras a partir de um contexto semântico.

A partir da referida análise, foi possível identificar que esses conceitos têm sua presença desde o primeiro congresso realizado e que as principais questões trabalhadas nesse contexto dizem respeito a questões relativas às representações culturais, aos grupos marginalizados e às novas perspectivas a partir do contexto tecnológico.

De maneira mais específica, comprovou-se quão prejudicial pode ser a utilização de ferramentas consideradas universais aos contextos específicos, uma vez que a construção dessas ferramentas partem de uma visão que compreende o universo a partir de pontos de vistas masculinos e brancos, excluindo aspectos que fogem a essa dita normalidade, marginalizando in-

divíduos considerados como “outro”. Essas interpretações podem ser mais bem visualizadas quando considerados contextos específicos evidenciados pelos autores, como questões feministas e a respeito de culturas não ocidentais. Também foi possível compreender como as novas tecnologias alteraram o paradigma da utilização do conhecimento nesses novos ambientes, modificando a forma como conceitos como privacidade e lei de direitos autorais eram visualizados até então.

Sugere-se como futuros estudos análises mais detalhadas desse conjunto de artigos, buscando identificar cronologicamente como esses conceitos se alteraram ou foram construídos ao longo do tempo, além de uma ampliação para os capítulos regionais da ISKO, buscando identificar se as perspectivas sobre esses conceitos se alteram em diferentes regiões geográficas.

REFERÊNCIAS

- AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. **Limiting access to eBooks for libraries means limiting access for readers like you.** Chicago: American Library Association, 2019. Disponível em: <https://ebooksforall.org/>. Acesso em: 23 mar. 2024.
- ARBOIT, A. Knowledge organization: from term to concept, from concept to domain. **Knowledge Organization**, Baden-Baden, v. 45, n. 2, p. 125-135, 2018.
- BABIK, W. Knowledge organization for the system of indexing and retrieval of information on the folk culture of the Polish Carpathian region. *In*: BABIK, W. (ed.). **Knowledge organization in the 21st century: between historical patterns and future prospects.** Proceedings of the Thirteenth International ISKO Conference, Kraków, Poland, May 19-22, 2014, Advances in knowledge organization, 14. Würzburg: Ergon, 2014. p. 445-452.
- BARROS, T. H. B. Por uma arqueologia da arquivística: elementos históricos de sua constituição. **Informação Arquivística**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 6-28, jul./dez. 2014.
- BARROS, T. H. B.; MORAES, J. B. E. Archival Classification and Knowledge Organization: Theoretical Possibilities for the Archival Field. *In*: NEELAMEGHAN, A.; RAGHAVAN, K. S. **Categories, Contexts and Relations in Knowledge Organization, Proceedings of the Twelfth International ISKO Conference 6-9 August 2012 Mysore, India.** Advances in knowledge organization 13. Würzburg: Ergon Verlag, 2012. p. 272-276.

BEZERRA, A. C.; SANCHES, T. Copyright infringement: between ethical use and legal use of information. *In: RIBEIRO, Fernanda; CERVEIRA, Maria Elisa (ed.). **Challenges and Opportunities for Knowledge Organization in the Digital Age.** Proceedings of the Fifteenth International ISKO Conference 9-11 July 2018 Porto, Portugal, Advances in knowledge organization 16. Würzburg: Ergon Verlag, 2018. p. 762-769.*

CAMPBELL, D. G. RDA and RDF: A discourse analysis of two standards of resource description. *In: PROCEEDINGS FROM NORTH AMERICAN SYMPOSIUM ON KNOWLEDGE ORGANIZATION, 3., Washington, 2011. **Anais [...]. Toronto [s. n.], 2011. p. 207-16.***

CAMPBELL, D. G. The Birth of the New Web: A Foucauldian reading of the semantic web. **Cataloging and Classification Quarterly**, New York, v. 43, n. 3-4, p. 9-20, Oct. 2007.

FROHMANN, B. The Power of Images: a discourse analysis of the cognitive viewpoint. **Journal of Documentation**, London, v. 48, n. 4, p. 365-386, April. 1992.

FROHMANN, B. Discourse Analysis as a Research Method in Library and Information Science. **Library & Information Science Research**, Amsterdam, v. 16, n. 2, p. 119-138, 1994.

FURNER, J. Truth, relevance, and justice: towards a veritistic turn for KO. *In: RIBEIRO, Fernanda; CERVEIRA, Maria Elisa (ed.). **Challenges and Opportunities for Knowledge Organization in the Digital Age.** Proceedings of the Fifteenth International ISKO Conference 9-11 July 2018 Porto, Portugal, Advances in knowledge organization 16. Würzburg: Ergon Verlag, 2018. p. 468-474.*

GARCÍA-GUTIERREZ, A. Knowledge Organization from a “Culture of the Border”: Towards a Transcultural Ethics of Mediation. *In: LÓPEZ-HUERTAS, Maria J.; MUNOZ-FÉRNANDEZ, Francisco J. **Challenges in Knowledge Representation and Organization for the 21st Century: Integration of Knowledge across Boundaries, Proceedings of the Seventh International ISKO Conference, 10-13 July 2002 Granada, Spain,** Advances in knowledge organization 8. Würzburg: Ergon Verlag, 2002. p. 516-521.*

GUEDES, R. de M.; MOURA, M. A. Semantic warrant, cultural hospitality and knowledge representation in multicultural contexts: experiments with the use of the EuroVoc and UNBIS thesauri. *In: RIBEIRO, Fernanda; CERVEIRA, Maria Elisa (ed.). **Challenges and Opportunities for Knowledge Organization in the Digital Age.** Proceedings of the Fifteenth International ISKO Conference 9-11 July 2018 Porto, Portugal, Advances in knowledge organization 16. Würzburg: Ergon Verlag, 2018. p. 442-449.*

HAJIBAYOVA, L.; SALABA, A. Critical questions for big data approach in knowledge representation and organization”. *In: RIBEIRO, Fernanda; CERVEIRA, Maria Elisa (ed.). Challenges and Opportunities for Knowledge Organization in the Digital Age, Proceedings of the Fifteenth International ISKO Conference 9-11 July 2018 Porto, Portugal.* Advances in knowledge organization 16. Würzburg: Ergon Verlag, 2018. 144-151.

HJØRLAND, B. Knowledge Organization. **Knowledge Organization**, Baden-Baden, v. 43, n. 6, p. 475-484. 2016.

INTERNATIONAL SOCIETY FOR KNOWLEDGE ORGANIZATION. **About ISKO**. Kent: ISO, 2008. Disponível em: <https://www.isko.org/about.html>. Acesso em: 20 mar. 2024.

MARTÍNEZ-ÁVILA, D.; BEAK, J. Methods, Theoretical Frameworks and Hope for Knowledge Organization, **Knowledge Organization**, Baden-Baden, v. 43, n. 5, p. 358-366, 2016.

MAI, J-E. Be Slow, Skeptical, and Classify: Recommendations for LIS Education. **Journal of Education for Library and Information Science**, toronto, v. 60, n. 02, p. 152-167, 2019.

MILANI, S. DE O.; GUIMARÃES, J. A. C. Bias in the indexing languages. Theoretical approaches about sensitive issues. *In: GNOLI, Flavio; MAZZOCCHI, Fulvio (ed.). Paradigms and conceptual systems in knowledge organization: Proceedings of the Eleventh International ISKO Conference 23-26 February 2010 Rome, Italy.* Advances in knowledge organization 12. Würzburg: Ergon Verlag, 2010. p. 424-428.

MILANI, S. DE O.; GUIMARÃES, J. A. C.; OLSON, H. A. *In: BABIK, Wieslaw (ed.). Knowledge Organization in the 21st Century: between historical patterns and future prospects.* Proceedings of the Thirteenth International ISKO Conference 19-22 May 2014, Kraków, Poland, Advances in knowledge organization 14. Würzburg: Ergon Verlag, 2014. p. 335-344.

MOURA, M. A. Intersectionality and the social construction of Knowledge Organization. *In: RIBEIRO, Fernanda; CERVEIRA, Maria Elisa (ed.). Challenges and Opportunities for Knowledge Organization in the Digital Age.* Proceedings of the Fifteenth International ISKO Conference 9-11 July 2018 Porto, Portugal, Advances in knowledge organization 16. Würzburg: Ergon Verlag, 2018. p. 830-837.

OLSON, H. A. Dewey Thinks Therefore He Is: The Epistemic Stance of Dewey and DDC. *In: GREEN, Rebecca (ed.). Knowledge Organization and Change.* Proceedings of the Fourth International ISKO Conference, Washington, DC, July 15-18, 1996, Advances in knowledge organization 5. Würzburg: Ergon Verlag, 302-311, 1996.

- ORIGGI, G.; SIMON, J. On the epistemic value of reputation. The place of ratings and reputational tools in knowledge organization. *In*: GNOLI, Claudio; MAZZOCCHI, Fulvio. **Paradigms and conceptual systems in knowledge organization**: Proceedings of the Eleventh International ISKO Conference 23-26 February 2010 Rome, Italy, Advances in knowledge organization 12. Würzburg: Ergon Verlag, 2010. p. 417-423.
- PANDO, D. A.; ALMEIDA, C. C. de. Knowledge organization in the context of postmodernity from the theory of classification perspective. **Knowledge Organization**, Baden-Baden, v. 43, n. 2, p. 113-117, 2016.
- PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da Análise Automática do Discurso. *In*: GADET, F.; HAK, T. (org.). **Por uma Análise Automática do Discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997. p. 163-252.
- RAGHAVAN, K. S.; NEELAMEGHAN, A. Indic cultures and concepts: implications for Knowledge Organization. *In*: NEELAMEGHAN, A.; RAGHAVAN, K. S. (ed.). **Categories, contexts and relations in knowledge organization**. Proceedings of the Twelfth International ISKO Conference, Mysore, India, August 6-9, 2012, Advances in knowledge organization, 13. Würzburg: Ergon, 2012.
- RAJU, A. A. N. Indology - Problems in its classification and organization in libraries, with special reference to the UDC (IME, 1985) and the CC (7th ed., 1987). *In*: FURGMANN, Robert (ed.). **Tools for Knowledge Organization and the Human Interface**. Proceedings of the 1st International ISKO Conference, Darmstadt, Germany, August 14-17, 1990, Advances in knowledge organization 1-2. Würzburg: Ergon Verlag, 1990. p. 144-153.
- ROCKEMBACH, M.; SILVA, A. M. da. Epistemology and Ethics of big data. *In*: RIBEIRO, Fernanda; CERVEIRA, Maria Elisa (ed.). **Challenges and Opportunities for Knowledge Organization in the Digital Age**. Proceedings of the Fifteenth International ISKO Conference 9-11 July 2018 Porto, Portugal, Advances in knowledge organization 16. Würzburg: Ergon Verlag, 2018. p. 812-819.
- ROMERO-MILLÁN, C.; NAUMIS-PEÑA, C. Representation of contents on female participation in salaried work. *In*: GUIMARÃES; José Augusto Chaves; MILANI, Suellen de Oliveira; DODEBEI, Vera (ed.). **Knowledge Organization for a Sustainable World**: challenges and perspectives for cultural, scientific, and technological sharing in a connected society, Proceedings of the Fourteenth International ISKO Conference 27-29 September 2016 Rio de Janeiro, Brazil. Advances in knowledge organization 15. Würzburg: Ergon Verlag, 2016. p. 564-571.
- WANG, S. The intellectual landscape of the domain of culture and ethics in knowledge organization: an analysis of influential authors and works. **Cataloging & Classification Quarterly**, New York, v. 57, n. 4, p. 227-243, 2019.

ZAMBONI, R. C. V.; FRANCELIN, M. M. The location of classification: between the local and the global. *In: GUIMARÃES; José Augusto Chaves; MILANI, Suellen de Oliveira; DODEBEL, Vera (ed.). **Knowledge Organization for a Sustainable World**: challenges and perspectives for cultural, scientific, and technological sharing in a connected society, Proceedings of the Fourteenth International ISKO Conference 27-29 September 2016 Rio de Janeiro, Brazil. Advances in knowledge organization 15. Würzburg: Ergon Verlag, 2016. p. 572-578*

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BARROS, T. H. B. Discurso, documento e arquivística: trajetória de uma área. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, Brasília, DF, v. 12, n. 2, p. 97-110, 2017.

BARROS, T. H. B.; MORAES, J. B. E. From archives to archival science: elements for a discursive construction. *In: GNOLI, Claudio; MAZZOCCHI, Fulvio. **Paradigms and conceptual systems in knowledge organization**: Proceedings of the Eleventh International ISKO Conference 23-26 February 2010 Rome, Italy, Advances in knowledge organization 12. Würzburg: Ergon Verlag, p. 398-404, 2010. p. 398-404.*